

O psicanalista e seus afetos

Maria do Carmo Andrade Palhares¹

Resumo

Este trabalho surgiu a partir do tema proposto por um simpósio sobre as vicissitudes de ser psicanalista hoje. Partindo de Freud em seu texto sobre a transitoriedade, o tema das mudanças e das transformações da vida, do homem, e do conhecimento, atravessam o percurso humano, conferindo valor ao tempo – ontem, hoje, amanhã. Assim indagamos: e nós psicanalistas, como lidamos com as situações de perdas, de sofrimento, de infortúnio que acontecem em nosso viver como indivíduos e profissionais? Recorremos a Freud, Ferenczi, Winnicott para desdobrar estas questões em sua complexidade interna e externa. Decorre daí o destaque que damos à contratransferência implicando desta forma a pessoa do analista na dinâmica da relação transferencial, conferindo valor aos afetos. Neste contexto, alguns poetas comparecem com suas profundezas diante destas experiências humanas.

Palavras-chave: transitoriedade; tempo; afeto; contratransferência; simbolização.

Recentemente entrei em contato a obra de José Luís Peixoto, jovem escritor e poeta português. Seus romances se passam e percorrem densos dramas familiares. Em meio à prosa, constantemente, surgem suas poesias. Foi assim em “Cemitério de Pianos”, dentro da narrativa, um poema acontece como se o cotidiano fosse permeado de momentos cujo ritmo se transforma, e os intervalos do acaso nos levam a novas trilhas pouco visíveis. Peixoto reconhece essas transformações inserindo uma quebra poética que potencializa o texto, visualizamos a cena! Para ilustrar o que digo encontrei no meio do texto esta poesia que para mim abre o tema deste trabalho. Chama-se:

Família

Na hora de pôr a mesa éramos cinco. O meu pai, a minha mãe, as minhas irmãs e eu. Depois, a minha irmã mais velha casou-se.

Depois a minha irmã mais nova casou-se.

Depois o meu pai morreu. Hoje na hora de pôr a mesa, somos cinco, menos a minha irmã mais velha que está na casa dela, menos a minha irmã mais nova que está na casa dela, menos o meu pai, menos a minha mãe viúva, cada um deles é um lugar vazio nesta mesa onde como sozinho. Mas irão estar sempre aqui.

na hora de pôr a mesa seremos sempre cinco, enquanto um de nós estiver vivo, seremos sempre cinco.

1 Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, SBPRJ.

Aqui não se trata de estar vivo porque não morreu, trata-se da continuidade de algum legado que permanece vivo apesar das mudanças, das perdas, das ausências que acontecem na existência humana. Do que dependemos para que nos sintamos vivos ou existentes, atravessando o tempo e sua multiplicidade de mutações? Como prosseguir consolidando a vida?

Em 1915, Freud em pequeno artigo, comoveu-me. “Transitoriedade” sintetiza a marca do viver humano, diz ele:

O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno, como toda beleza humana e toda beleza e esplendor que os homens criaram ou poderão criar. Tudo aquilo que, em outra circunstância, ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de seu valor por estar fadado à transitoriedade. À propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião contra o fato consumado. Não! É impossível que toda beleza da natureza e da arte, do mundo de nossas sensações e do mundo externo venham a se desfazer em nada. (Freud, 1915/1976b, p. 345)

Sim! Digo em seguida inspirada por meus afetos. E na poesia inicial encontramos esta afirmação, não é o desalento que a faz dizer: “seremos sempre cinco, enquanto um de nós estiver vivo”; o que garante a substância desta experiência? A experiência não é só o que nos acontece, mas o destino que damos ao que nos acontece. Nesta destinação apresentamos nossa singularidade. Pensar o mundo pelo viés da descontinuidade significa considerar a dúvida do aqui agora, do ser ou do não ser, do prosseguir ou desistir; aquele ir adiante que ao invés de romper ou recolher-se para estagnar o tempo nos faz esbarrar com a renovação da existência. Ou seja, empurrando para mais adiante o abismo da finitude. A transitoriedade, fato precioso e frágil, não encobre a eternidade, ao contrário, cava em nós o sentido do tempo. No texto, Freud completa: “o valor da transitoriedade é o valor da raridade do tempo. A limitação da possibilidade da fruição aumenta a sua preciosidade” (1916[1915]/2010, p. 249).

O jovem poeta português apresenta na sua narrativa, impregnada de vínculos humanos, esta descontinuidade que permite ao seu leitor viver o transitório não só do texto mas dos sentimentos e acontecimentos que constroem suas histórias. É possível que o irromper de um poema no meio da história perfure a certeza de que não existe linearidade no tempo vivido, embora exista a sucessão dos dias, das estações do ano, os aniversários que fazemos; é o imponderável que marca a existência. Em

algum momento encontrei algo esclarecedor lendo Clarice Lispector: “A vida ultrapassa qualquer entendimento”. Sobretudo quando se trata de viver e escrever sobre os homens e seus afetos. É aí que vale a pena pensar a existência pelo viés da transitoriedade, isto nos levaria a criar uma moldura provisória para situações e acontecimentos humanos. Para alguns isto pode levar ao vazio, à superficialidade das relações entre os homens. Muitas vezes instala-se a inércia como forma de paralisar um talento, uma capacidade que ampliaria o mundo dos afetos e suas potencialidades, brotam daí medos diante do inédito, do perecível. Ou seja, o medo do envolvimento com algo que pode aparecer e desaparecer inviabiliza a construção de vínculos afetivos que expandam uma interioridade que nos aproxime de nós mesmos e, ao mesmo tempo nos lance em direção ao outro, ao mundo, à vida dos afetos. Nesta perspectiva, tudo se constitui como ameaça e, portanto, precisa ser evitado. Negar, banalizar, factualizar, dizer e desdizer tornam-se mecanismos que impedem uma comunicação e aproximação mais genuína com o que envolve vínculos, humanos ou não. A superfície torna-se o lugar do encontro. Não é possível acreditar nas palavras de Vinícius de Moraes “... que seja infinito enquanto dure.” Ou valorizar a compreensão de Freud de que “o doloroso pode ser o verdadeiro” (1916[1915] /2010, p. 249).

Para outros, no entanto, a transitoriedade, liberta. Isto porque ela é a possibilidade da reinvenção permanente do viver. Assim, diante da impermanência alguns não suportariam deixar que o tempo tomasse as decisões sobre seus destinos, estes produziram os acontecimentos, legitimando a criatividade como alternativa para a transitoriedade. Neste contexto a vida se multiplica. No texto, Freud aponta para esta possibilidade ao dizer:

quando renunciamos a tudo que foi perdido, nossa libido fica mais livre (enquanto ainda formos jovens e ativos) para substituir os objetos perdidos por novos igualmente, ou ainda mais preciosos. (Freud, 1915/1976b, p. 348)

Este é um trabalho urdido pelo afeto.

A reconstrução exige que as raízes dos vínculos sejam sólidas em sua trama interna. Não é possível fazer um trabalho de luto pelo que se perdeu, se antes não houve presença envolvida por matizes afetivas. O luto só é possível se representação e afeto não forem apartados pelo trauma e/ou recalque. Este percurso benigno pode vir a se realizar quando companhias se revelaram interessadas, participantes e, ao mesmo tempo, reservadas e desejosas em transitar de forma compartilhada por um projeto comum. Isto me faz lembrar a importância que Winnicott deu à “preocupação materna primária”; este tipo de preocupação leva a uma maternagem profundamente identificada com a vulnerabilidade do bebê. Neste contexto, ocorre, simultaneamente, preocupação e sustentação da vida. Neste momento, do ponto de vista

da criança, não existe relação entre duas pessoas, mas um vínculo que se constitui numa unidade entre a mãe e a criança; um vivido comum se desenvolve e, em alguns momentos a criança pode se perguntar ao olhar o rosto da mãe: “*será que estes olhos são meus?*” Prenuncia-se o sujeito do paradoxo: não há resposta, mas gestos facilitadores que permitem à criança criar o que já existe; aproximar-se do que encontrou vivenciando a criatividade primária. Portanto, ao não responder a esta pergunta, sustentando-a com uma oferta daquilo que é essencial para o bebê – será ele que irá decidir sobre a resposta – expressa-se o materno com o gesto que garante a vida. Um fluxo de intimidade humana permeia estes momentos: afetos indizíveis circulam por cada encontro. Uma rotina de cuidados se torna favorecedora do enriquecimento de uma realidade íntima e pessoal: a experiência de amar e conviver acrescenta vitalidade a esta relação. Isto se dá através da compreensão winnicottiana de que este amor primário não se distingue da agressão. A qualidade desta agressividade se traduz em atividade e criatividade na criança. E além disso, configura-se dentro deste encontro a possibilidade da expressão do ódio como pertencente a genuína ambivalência humana. O acolhimento materno destas forças engendram uma união dual de tal natureza afetiva que impulsiona a continuidade do ser do bebê; inaugura-se o si-mesmo como singularidade legítima, sendo existencialmente junto com a mãe. A repetição e a repercussão desta experiência fortalece o sentimento de estar vivo. A partir daí, podemos alternar um estado de repouso ou quietude com o desejo de encontrar algo pelo caminho que propicie um relacionamento. Ou seja, um ser que esteja lá para incitar a ser. Assim, surge a possibilidade de viver criativamente, de preservar algo pessoal, que é inconfundivelmente você mesmo. Se nos aproximarmos do ser psicanalista, ontem e hoje, encontraremos a frase de Winnicott que percorre toda sua prática profissional:

O meu ofício consiste em ser eu mesmo. Que pedaço de mim mesmo posso dar a vocês, e como posso lhes dar um pedaço sem parecer que perco a totalidade?
(1968, p. 43)

Esta é uma questão que nos convoca para além da formação psicanalítica, já que se apresenta como fundamento para uma outra afirmação de Winnicott: “Ser, antes de tudo”. Não se trata, aqui, de ser psicanalista, mas da afirmação medularmente autêntica da natureza humana. Para este autor esta natureza se exprime através do sonhar, imaginar e da busca para integrar as vivências do psique-soma. A razão é uma construção posterior que se fundamenta nesses elementos acima; elementos compreendidos como tendências que precisam se realizar. Eis aí um trajeto que nos lança, como psicanalistas, o desafio de aprimorar e refinar, não apenas teorias

e técnicas, mas o nosso instrumento mais valioso: a pessoa do analista. Aqui refinar significa sutileza e sensibilidade. Este também é um trabalho urdido pelo afeto.

Acredito que se a unidade como experiência inicial foi constitutiva do si-mesmo, é possível suportar a vida que se concentra dentro de cada um de nós com toda incoerência, transformações, o espanto e a verdade que isso inclui. As feridas e os temores da ambiguidade que nos atravessam podem revelar o que em nós está vivo, portanto, é possível seguir adiante sem trair a si mesmo, isto é, sem abandonar-se diante do que foi perdido ou transformado. Talvez, a partir disso possamos dar conta de um ofício que exige a constante tarefa de cavar em si, o si-mesmo que torna fecundo a arte de cair em si para reencontrar-se com a transitoriedade desta unidade singular que diz: Eu Sou. Eis o ponto de partida essencial para emprendermos o vínculo com o outro. Aqui mais uma vez cabe convocar um psicanalista que levou estas questões às últimas consequências: Sándor Ferenczi.

Ferenczi (1873-1933) foi contemporâneo de Freud (1856-1939) e, ao mesmo tempo, discípulo, paciente, amigo e confidente. Podemos inferir a intensidade desta relação a partir destas múltiplas vinculações, todas envolvendo substancialmente muitos afetos. O encontro de Freud e Ferenczi aconteceu em fevereiro de 1908 e, a partir deste momento, o vínculo entre os dois tornou-se intenso, denso e transformador para ambos. Neste trabalho não será possível desdobrar e aprofundar todos os aspectos da complexa relação que permeou o encontro de Freud e Ferenczi; mas gostaria de ressaltar um aspecto que pode dar relevo e significado para o tema que estamos abordando. Uma das grandes preocupações de Ferenczi era com a eficácia terapêutica. Neste contexto, incluía e implicava a ética psicanalítica; com este olhar ele vai se dedicar de forma original e ousada à técnica psicanalítica. Desta forma, gostaríamos de circunscrever aqui como ação terapêutica o valor que Ferenczi atribuía à necessidade que o paciente tinha de sentir que seus afetos e sensações fossem reconhecidos e legitimados pelo analista. E ainda mais: a partir daí vai insistir na proposição de que o analista deveria se permitir ser afetado por estes sentimentos e sensações e, assim, realçar internamente as vivências que lhe eram narradas. Estamos no campo da contratransferência, mas desta vez não era preciso abandonar esta perspectiva, abandonando o paciente. Ao contrário, Ferenczi vai destacar e reconhecer a contratransferência como experiência genuína que deveria estar a serviço do tratamento. Segundo ele, é no território da relação entre analista e paciente que será possível empreender uma autêntica ação terapêutica. Em seu Dicionário de Psicanálise, Élisabeth Roudinesco refere-se a Ferenczi como: “mais inventivo que Freud na análise das relações com o outro.” (1997, p. 233) Segundo Roudinesco, esta característica pessoal teria favorecido a sua descoberta e vivência da contratransferência. Também aí creditamos aos afetos e à liberdade de experimentá-los esta descoberta

ferencziana; em função disso por vários momentos e situações atrapalhou-se muito. Mas alguns preferem a liberdade à felicidade.

Em seu Diário Clínico, escrito de janeiro a outubro de 1932, Ferenczi (1990) deixa um documento apaixonado, sensível, corajoso e autêntico sobre ele mesmo, seus pacientes, suas questões e impasses com Freud e a psicanálise. O Diário aborda três temas relevantes para ele: o trauma; a técnica a partir da expansão da noção de trauma; o ponto pessoal, sua própria análise e relação com Freud. Destaco um trecho de maio de 1932 que considere esclarecedor para o que estamos abordando:

Eu acho, de minha parte, que a princípio, Freud acreditava realmente na análise, que seguiu Breuer com entusiasmo, que se dedicou apaixonadamente, com devoção, à cura de neuróticos (ficando deitado no chão durante horas, se necessário, junto a uma pessoa em sua crise histérica). Mas deve ter ficado, primeiramente abalado, depois desencantado com certas experiências, mais ou menos como Breuer no momento da recaída de sua paciente, e pelo problema da contratransferência que se abria diante dele como um abismo. Em Freud isso corresponde sem dúvida à descoberta de que os histéricos mentem. Depois dessa descoberta, Freud deixa de gostar dos pacientes. Retornou ao seu amor de seu Superego ordenado, culto (uma outra prova disso é a sua antipatia e seus termos injuriosos contra psicóticos, os perversos e, em geral, contra tudo o que é “anormal demais”. Desde este choque, essa decepção, trata-se muito menos do trauma, a constituição começa a desempenhar o papel principal. Segue-se, evidentemente, uma dose de fatalismo. ... Enfim, o seu método terapêutico, tal como sua teoria, estão cada vez mais impregnados de interesse pela ordem, pelo caráter, pela substituição de um mau Superego por um outro melhor; ele se tornou pedagógico. A modificação do seu método terapêutico, ao tornar-se cada vez mais impessoal (flutuar como uma divindade pairando acima do pobre do paciente, rebaixado ao nível de criança, não tendo qualquer dúvida de que uma grande parte daquilo a que se dá o nome de transferência é artificialmente provocado por esse comportamento, pretende-se, no entanto, que a transferência seja gerada pelo paciente). Por certo isso pode ser verdade em parte, e considerado útil para fazer surgir o material antigo, mas se o médico não se vigiar, acabará demorando muito mais tempo do que o necessário nessa situação confortável para ele, na qual os pacientes lhe poupam o desprazer da autocrítica, fornecendo-lhe a ocasião de saborear o acordo que o coloca em posição de superioridade e o faz ser amado sem reciprocidade (quase uma situação de grandeza infantil), e, ainda por cima é pago pelo paciente para isso. ... Não será natural, e também oportuno, ser francamente um ser humano dotado de emoções, ora capaz de empatia, ora abertamente irritado?
(1990, pp. 130-132)

Sobre esta questão Daniel Kupermann, baseando-se em Winnicott, acrescenta:

A autenticidade do encontro analítico é determinada pela qualidade da presença sensível do psicanalista, sendo que o analisando não poderá confiar em alguém incapaz de discernir e admitir a sua própria ambivalência e o ódio na contratransferência. (2008, pp. 100-101)

Poderíamos completar com a própria colocação de Winnicott:

Quando o paciente está à procura do ódio legítimo, objetivo, ele deve ter a possibilidade de encontrá-lo, caso contrário não se sentirá capaz de alcançar o amor objetivo. (1947, p. 348)

No seu Diário, Ferenczi expõe a história clínica de seus pacientes, e também sua própria história. Neste sentido, também, não se poupa. Examina a si mesmo sem complacência, expondo em várias passagens sua posição de dependência infantil em relação a Freud. Diz ele, em outubro de 1931:

na relação entre você e eu, trata-se (pelo menos para mim) de uma sobreposição de diferentes conflitos de emoções e de posições. Primeiro você foi o meu mestre venerado e o meu modelo inatingível, a respeito de quem eu cultivava os sentimentos – nunca sem mistura, como se sabe – do aluno. Depois, tornou-se meu analista, mas as circunstâncias desfavoráveis não permitiram levar a minha análise a termo. ... Não quero negar, em absoluto, que em mim os fatores subjetivos influenciam, de um modo por vezes substancial, a maneira e o conteúdo da produção. No passado isso me levou a exageros. Mas creio que soube finalmente reconhecer onde e como tinha ido longe demais. (1990, pp. 13-15)

O encontro entre Freud e Ferenczi reproduz um acelerador de partículas que opera a partir da movimentação recíproca de intensos afetos humanos. Através de suas cartas podemos conhecer a densidade desta energia dual que levou a colisões, dissensões, e aproximações que contribuíram para avanços na teoria e na técnica psicanalítica. Estes avanços não foram, exclusivamente, obra do privilegiado intelecto dos dois, mas estão impregnados da profundidade dos sentimentos que circularam por 25 anos nesta relação. Embora com características diferentes ambos não se pouparam durante esse convívio que expôs as inúmeras facetas pessoais destes psicanalistas. Sendo assim, vale à pena apresentar as palavras de Freud sobre Ferenczi: “A Hungria só produziu um psicanalista mas este psicanalista valia por uma instituição

inteira” (1914/1976a). E no necrológio de Ferenczi em 1933, afirma: “É impossível acreditar que a história da nossa ciência irá esquecê-lo.”

Penso que estas são palavras movidas por afeto.

Por que evocar o afeto? Recolocar o afeto na clareira do ser significa não abolir do homem aquilo que marca sua ontologia; não é preciso “curar a vida”, mas deixar-se infectar por ela. Isto significa expor-se para crescer; assimilar para encorpar o que em nós está vivo demandando expressão e realização, e assim, preservar para poder arriscar e prosseguir criativamente. Para Van Gogh lambuzar-se com tinta fazia parte do pintar; já para Renoir a limpeza era fundamental. Para Ferenczi “o melhor analista é um paciente curado. A saber: como consegue o analista gerir suas próprias fraquezas e cegueiras?” (1932, p. 23) Aqui, também, me pergunto: como fazemos diante das nossas dores e sofrimentos? Será que faremos como Renoir? Ou seja, não podemos enfraquecer, sofrer e adoecer em nosso ofício? Conseguimos viver a transitoriedade com liberdade?

E nossas teorias? Vulneráveis e transitórias ameaçam o psicanalista e seu projeto de infalibilidade. A contradição entre tal exigência e a complexa e imperfeita condição humana nos leva a uma não-escuta das demandas singulares de cada paciente. Tal situação promove uma dissociação entre o humano e o ilimitado anseio de produzir teorias e técnicas que reflitam o sonho sobrehumano de ser possuidor de uma rede de conhecimento teórico diante da qual os oceanos não mais pudessem preservar seus mistérios. Muitas vezes ampliamos nossa compreensão teórica, mas diante do paciente, o manejo clínico se apresenta relutante em produzir condições outras que atendam as necessidades de cada indivíduo, sobretudo nas situações mais adversas. Diante desses impasses não conseguimos abordar e discutir nossas diferenças para reinventar nossa sociabilidade, nosso convívio, e assim, desperdiçamos afetos e afinidades pessoais.

Voltemos a Winnicott, a lembrar o início do percurso humano em seus mistérios e fragilidades. Segundo ele, o ser humano é criador. Criador, sobretudo, de seres humanos, mas não no sentido biológico; para ele, nascer não basta. Criador do sentido de existir que introduz o sentimento de ser real, de estar vivo em sua interioridade, como nos revela nosso jovem poeta português ao iniciarmos este texto. Vem daí a possibilidade de constante expansão do processo de simbolização que nos permite diante das perdas: enlutar e depois com o tempo poder prosseguir vivendo; vivo para si-mesmo e para o mundo. Se retomarmos a importância daquela união dual que marca a entrada do indivíduo no mundo das interações humanas, constatamos que, para Winnicott, este começo marcado pela separação no nascimento vai engendrar uma busca pela união a partir da identificação empática de um cuidador que possibilite a humanização deste encontro original. Estamos na origem do percurso simbólico. Sobre isto, diz Winnicott: “A criança pode desfrutar tudo o que deriva

do uso do símbolo, pois o símbolo da união proporciona um alcance mais amplo à experiência humana do que a própria união.” (1966, p. 13).

Este é o nosso capital mais precioso porque possibilita abrimo-nos para o outro, para a vida, preparando a transcendência. Isto é, ir além de si-mesmo, tornando-se apto a apreciar e a questionar o mundo individual e social, sendo parte ativa dos prazeres e sofrimentos em si e no outro. Temos aí um vasto mar a ser navegado: unir as duas pontas deste trabalho, transitoriedade e o legado simbólico. E assim, mais uma vez, empreendermos a trajetória do paradoxo que nos convoca a experimentar a impermanência e, simultaneamente, tecer o futuro. Quando ligados nesse processo estamos condenados a crer, inovar e inventar, todos os dias. Tal como Sísifo destinado a subir e rolar sua pedra pelo rochedo da existência. Mas para uns este destino pode representar a oportunidade de ligar, unir e recriar os acontecimentos, espalhando afeto; para outros pode surgir o desalento da mesmice e do vazio, espalhando o nada. Portanto, o legado da união inicial, matriz do processo de simbolização, é dar-se conta de que todos fazemos parte de um todo que precisa ser preservado e expandido por todos e para todos, mas do jeito de cada um. Esta compreensão aponta para aquilo que um dia foi unidade experimentada numa situação de extrema dependência e vulnerabilidade, mas acolhida por um projeto materno que incluía devoção e afeto. Se deu certo, consolidou-se o paradoxo como perspectiva que reúne contradições e polaridades como forma de seguir adiante, sobretudo no momento de uma “terra devastada”; cabe-nos, então, confiar e arriscar acreditando que em termos de futuro nada está decidido, pois como diria René Char: “A cada derrocada das provas, o poeta responde com uma salva de futuro”. Aí temos a prova da potência dos afetos. Evocá-los nos permite encontrar um sentido para investir, como psicanalistas, neste ofício que sustenta e promove o vínculo humano. Num diálogo poético, Fernando Pessoa consegue pincelar o que me fez escrever este trabalho: “O que sente em mim, pensa.” E Manoel de Barros responde minhas indagações: “Sobre o nada eu tenho profundidades.”

É deste legado que eu quero participar com meus afetos, acreditando que a melhor alternativa é prosseguir criando círculos cada vez mais abrangentes, sem perder a totalidade.



Encontro
Wallace Renan Palhares

El psicoanalista y sus afectos

Resumen: Este trabajo fue inspirado por el tema propuesto para un simposio sobre las vicisitudes de ser psicoanalista actualmente. Partiendo del texto de Freud sobre la transitoriedad, las cuestiones referidas a las transformaciones de la vida, del hombre y del conocimiento, atraviesan el camino humano, dando valor al tiempo – al ayer, el hoy y el mañana. En este contexto nos preguntamos: cómo psicoanalistas, cómo tratar con situaciones de pérdidas, sufrimiento e infortunio que acontecen en nuestra vida individual y profesional? Recorremos a Freud, Ferenczi, Winnicott para desarrollar esas cuestiones en su complejidad tanto interna cuanto externa. De esa perspectiva emana el destaque que otorgamos a la contratransferencia, implicando así la persona del analista en la dinámica de la relación transferencial, otorgando valor a los afectos. En este contexto algunos poetas comparecen con sus profundezas frente a estas experiencias humanas.

Palabras clave: transitoriedad; tiempo; afecto; contratransferencia; simbolización.

The psychoanalyst and his affections

This article came about from the proposed topic for a symposium on the vicissitudes of being a psychoanalyst today. Starting with Freud in his essay *On Transience*, the topic of changes and life transformations, of man and knowledge, pass through the human journey, giving value to time – yesterday, today, tomorrow. So we ask: and we psychoanalysts how do we deal with situations of loss, suffering, misfortune that happen in our lives as individuals and professionals that we are? We call upon Freud, Ferenczi, Winnicott to unfold these issues in their internal and external complexity. It follows the emphasis we place on countertransference, thus implying the person of the analyst in the dynamics of the transference relationship, giving value to affects. In this context, some poets present themselves with their depth when facing these human experiences.

Keywords: transience; time; affect; countertransference; symbolization.

Referências

- Camus, A. (1943). *O mito de Sísifo – ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Edição Livros do Brasil
- Edmundson, M. (2009). *A morte de Freud: o legado de seus últimos dias*. Rio de Janeiro: Odisseia.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1976a). História do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 14, p. 45). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1976b). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915])
- Freud, S. (2010). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, p. 249). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916 [1915])
- Khan, M. M. R. (1991). *Quando a primavera chegar: despertares em psicanálise clínica*. São Paulo: Escuta.
- Kislansky, I. (2006). *O eterno e o moderno*. São Paulo: Baldacci.

- Kupermann, D. (2008). A experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. In D. Kupermann, *A presença sensível*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Mínerbo, M. (2009). *Neurose e não-neurose*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Peixoto, J. L. (2008). *Cemitério de pianos*. (pp. 135-136). São Paulo: Record.
- Plastino, C. A. (2001). *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Roudinesco, E. (1997). *Dicionário de psicanálise e Plon, M.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Safra, G. (2004). *A PO-Ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias e Letras.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud – O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Winnicott, D. W. (1978). *O ódio na contratransferência*. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Artigo original publicado em 1947)
- Winnicott, D. W. (1989). Sum: eu sou. In D.W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Artigo original publicado em 1968)
- Winnicott, D. W. (1998). A dependência nos cuidados infantis. In D.W. Winnicott, *Os bebês e as mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Artigo original publicado em 1966)

Maria do Carmo Andrade Palhares
Rua Visconde de Pirajá, 303 | Ipanema
22410-001 Rio de Janeiro, RJ
Tel: 21 2247-8825
mcarmoandrade@gbl.com.br

